

## PRESENTAZIONE

La parola di Dio, gli scritti e l'esempio del Beato G.B. Scalabrini ci aiutano a leggere con gli occhi della fede la realtà migratoria e il cammino missionario dei nostri tre Istituti della Famiglia Scalabriniana.

L'approfondimento biblico di p. Antônio César Segnfredo, che pubblichiamo in questo numero, è stato sollecitato dal motto scelto per il 125° di fondazione dei missionari scalabriniani e per l'anno vocazionale indetto per questa occasione. Sebbene il contesto migratorio ed ecclesiale siano mutati notevolmente rispetto all'epoca di G.B. Scalabrini, rimane ancora valido ed essenziale il suo invito a coniugare preghiera e azione.

Le due testimonianze di Monica Martinelli, missionaria secolare scalabriniana, e di Rita de Cássia Luiz, suora missionaria scalabriniana, mettono in luce la ricerca costante e la riflessione necessarie per cogliere occasioni e forme nuove di servizio ai migranti, di sensibilizzazione e di annuncio del carisma scalabriniano, che si rivela quanto mai attuale nelle sue diverse espressioni e vocazioni.

Pagine da leggere e meditare – direbbe G.B. Scalabrini, che considerava la “meditazione” un aspetto fondamentale per la sua vita come per quella dei suoi missionari.

«Che significa un cuore retto? Un cuore che cerca unicamente Dio,  
un cuore semplice, un cuore mondo [...]

Ecco come garantirci la via della rettitudine: meditare la legge di Dio  
e conversare assiduamente con lui nell'orazione.

Chi dunque desidera conservare questa rettitudine di cuore, si applichi all'orazione.

Un pio scrittore così si esprime sull'orazione:

Se qualcuno mi chiedesse di che cosa maggiormente ha bisogno un sacerdote,  
gli ripeterei: di orazione;

se poi mi chiedesse di che cos'altro ha bisogno,  
gli ripeterei: d'orazione;

e se ancora, ripetutamente, insistesse sulla domanda,  
la mia risposta sarebbe sempre la stessa.

Comprendete dunque la necessità dell'orazione.

Sentiamo San Bernardo: La riflessione o meditazione,

dalla quale deriva l'orazione, offre questi vantaggi:

purifica anzitutto la mente, cioè la stessa fonte da cui ha origine;

corregge gli eccessi, regola i costumi, rende la vita virtuosa e ordinata;  
procura, infine, la conoscenza delle cose divine e umane.

È la meditazione che chiarisce quanto è ambiguo,

ricompone quanto è sconnesso, raccoglie quanto è disperso;

scruta le cose segrete, intuisce le vere, sottopone ad esame le verosimili,  
toglie la maschera a quelle ingannevoli e finte.

È ancora la meditazione che programma la nostra attività

e, svolta che sia, la riesamina perché niente rimanga nella nostra vita  
di poco corretto o di bisognoso di correzione.

È finalmente la meditazione che nella prosperità  
ci tiene pronti alla contrarietà, e questa è prudenza,  
mentre nelle contrarietà fa sì che quasi non le avvertiamo,  
e questa è forza (De Cosid. I, 7).

(G.B. Scalabrini, 3° discorso del 3° Sinodo, 30.8.1899)

## **Fica conosco Senhor (Lc 24,29): O Ano Vocacional Scalabriniano e a Palavra de Deus**

*Pe. Antônio César Segnanfredo, cs*

Em comemoração à chegada dos 125 anos de fundação da Congregação dos Missionários de São Carlos (28/11/1887 – 28/11/2012) foi convocado e já inaugurado um Ano Vocacional Scalabriniano (AVS), para rejuvenescer o dom da vocação de cada um de nós, scalabrinianos, e para pedir ao Senhor da messe que se digne enviar operários (cf. Mt 9,37-38) para a missão junto aos migrantes. Assim soa, cheio de confiança e esperança, o lema escolhido: «*Fica conosco Senhor*».

O fato que o lema do AVS provenha de um texto bíblico – Lc 24,13-35 (Jesus Ressuscitado caminha junto aos dois discípulos viandantes para Emaús) – é já, de per si, significativo e serve como um convite para permear esse nosso Ano Jubilar com a Palavra de Deus. A Igreja nos últimos tempos tem despertado para a necessidade de incentivar o contato frequente de cada um dos católicos com a Palavra (leitura – oração – estudo) e de promover definitivamente a animação bíblica de toda a Pastoral. O ponto de partida recente dessa renovada consciência foi o Sínodo sobre a Palavra de Deus, acontecido em Roma em outubro de 2008, e a Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, que o Papa Bento XVI publicou em 11/11/2010.

Sendo assim, partilho minha reflexão sobre o texto bíblico citado e, a partir dele, realizar alguns percursos através do evangelho segundo Lucas, desde a perspectiva da teologia bíblica e da espiritualidade.

Ao lermos com atenção Lc 24,13-35, percebemos dois elementos que são fundamentais para a nossa experiência de fé: a palavra e a ação sacramental. De fato, o Ressuscitado que caminha com os dois discípulos viandantes para Emaús, considerado por eles um forasteiro<sup>1</sup>, os instrui com as palavras da Escritura e, uma vez chegados ao destino, parte o pão. Não há como não pensar na celebração da Eucaristia, onde a Palavra e o Altar constituem as duas «mesas fundamentais». Na mesma perspectiva, encontramos o texto de Atos 8,26-40, onde Filipe viaja junto com o eunuco judeu-etíope, o instrui com as palavras da Escritura, batiza-o com água e, ao final, desaparece. Também aqui a palavra desperta para a fé e, nesse caso, prepara o pedido do batismo. Em ambos os casos, portanto, Lucas nos narra aspectos preciosos da experiência celebrativa das primeiras comunidades. Nesse sentido, falando especificamente de Lc 24,13-35, «*é claro que a expressão 'fração do pão' deve ser entendida em nível narrativo, não histórico. Para o leitor, ao qual conscientemente o evangelista dirige-se, é uma referência ao gesto eucarístico. (...) Lucas não escreve a história do episódio, mas instrui o leitor*»<sup>2</sup>. Hoje os leitores somos nós, que continuamos celebrando em nossas comunidades, onde a Palavra continua despertando e preparando para a acolhida da ação sacramental.

O estudo do texto de Lc 24,13-35, a partir do método histórico-crítico, apresenta resultados diferentes e interessantes. Destaco um desses resultados, isto é, aquele que apresenta o texto como uma *narração simétrica de contraste*<sup>3</sup>. A narrativa pode ser considerada, nesse sentido, a partir de um *duplo movimento contrário* presente no texto: até o v. 24 há um movimento negativo;

---

<sup>1</sup> O verbo *paroikéo* [raiz a partir da qual formamos o substantivo Paróquia] tem o significado fundamental de «habitar como estrangeiro», «sem cidadania», «ser um visitante», e o sentido atenuado de «habitar», «viver em». Cf. G. ROSSÉ, *Il vangelo di Luca. Commento esegetico e teologico*, Città Nuova, Roma 2006<sup>4</sup>, 1023 (tradução própria, aqui e em todas as vezes em que esta obra for citada).

<sup>2</sup> *Ibidem*, 1017.

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*, 1016-1017. Segundo o autor, dividem esta estrutura autores como CH. PERROT, E. SCHWEIZER e J. RADERMAKERS – PH. BOSSUYT.

acumulam-se separações e divisões. Depois disso, o movimento assume um caráter positivo. Assim, o texto pode ser considerado em duas partes: 13-24 e 25-35:

- *Movimento negativo*: Os dois discípulos afastam-se de Jerusalém - lugar do evento pascal - e dos outros(as) discípulos(as); além disso, não reconhecem Jesus, considerado um forasteiro e, como clímax, estão tristes.
- *Movimento positivo*: A partir do v. 25 Jesus assume «as rédeas da situação» e o movimento muda seu curso. Ele explica os eventos recentes à luz da Escritura e, como hóspede, preside a «fração do pão». As distâncias são anuladas: Jesus é reconhecido, o coração dos dois «arde», voltam para Jerusalém e reintegram-se ao grupo dos discípulos(as).

O caminho de nossa vida como cristãos, como scalabrinianos, como migrantes, pode ser iluminado por esse enfoque: nossa experiência nos faz lembrar de jornadas onde a negatividade predominou, talvez motivada pelo sofrimento e nos fomos lentamente afastando daquilo que conferia sentido à caminhada e alegria à vida. O cristão que se deixa iluminar pela Sagrada Escritura e busca a presença do Senhor na Eucaristia e no próximo faz, hoje, a experiência de sentir que o negativo cede lugar ao positivo, mesmo se permanecem situações difíceis e pesadas a serem afrontadas, naturalmente, com novo olhar, novo ânimo e novas atitudes. O scalabriniano que vivencia a fadiga da estrada e a flexibilidade do deixar-se instruir pelo Jesus «peregrino» (presente na Palavra, na Eucaristia, na comunidade e no migrante), estará em condições de ser uma «luz» no mundo da migração e uma «luz» na vida de jovens desejosos de encontrar um caminho que dê sentido à vida.

Retomando a nosso texto, percebemos que os discípulos que caminham rumo a Emaús não o fazem em modo sereno. Eles estão agitados e revela este estado de ânimo os verbos utilizados pelo evangelista. De fato, quando Jesus se aproxima e passa a compartilhar a caminhada, Cléofas e o outro discípulo estão conversando (verbo *homiléin*) e discutindo entre si (verbo *suzetéin*), sem, contudo, chegar a alguma conclusão. O «forasteiro» percebe o clima e pergunta pelo conteúdo da discussão infrutífera, usando o verbo *antibállein*, que tem o significado fundamental de *rebater lançando dardos*<sup>4</sup>, conotando uma atitude negativa de discussão: «*Que palavras são essas que trocais enquanto ides caminhando?*» (v. 17)<sup>5</sup>.

É provável que os dois discípulos estivessem procurando iluminação na Escritura para entender os tristes eventos ocorridos em Jerusalém. Todavia, aquele que tem o poder de «abrir a porta» para a compreensão é somente o próprio Deus. Quem não se coloca à escuta, esperando com paciência que «a porta seja aberta», não consegue «entrar» na compreensão do sentido profundo da Palavra de Deus. Assim, em nosso texto, os dois discípulos reconhecem somente *a posteriori* que, após a experiência estéril de busca através dos próprios meios, foi Jesus que lhes «abriu» para «entrar» na compreensão das Escrituras (v. 32). O evangelista utiliza para tanto o verbo composto *dianóigein*<sup>6</sup>, aqui e novamente no v. 45 (cf. At 17,2-3), com o mesmo sentido de *abrir* para a compreensão das Escrituras, desta vez em relação aos onze e outros(as) discípulos(as) reunidos(as). O mesmo verbo também é utilizado no v. 31, quando os olhos dos dois discípulos «foram abertos» (*passivum divinum*) e reconheceram, finalmente, que o «forasteiro» não era outro senão o próprio Ressuscitado: «*Antes de 'abrir' os seus olhos, Jesus 'abriu' as Escrituras: preparação adequada ao encontro pessoal na fé. [...] A presença do Ressuscitado entra, através das Escrituras interpretadas em sentido pascal e através da Eucaristia, na consciência de quem tem fé, fazendo 'arder' o coração com uma chama viva e tornando-o capaz de compreender*»<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*, 1022.

<sup>5</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição, revista e ampliada*, Paulus, São Paulo 2002, 1833 (e da mesma forma para as demais citações bíblicas deste artigo).

<sup>6</sup> Esse verbo, formado pela preposição *diá* + *anóigo*, significa «abrir completamente», «espalancar». Cf. C. RUSCONI, *Vocabolario del greco del Nuovo Testamento*, EDB, Bologna 1997, 87. *Dianóigo* possui o sentido quase técnico de «interpretar». Cf. G. ROSSÉ, *Op. Cit.*, 1030.

<sup>7</sup> G. ROSSÉ, *Op. Cit.*, 1030. Aqui o «coração» deve ser entendido no sentido semítico de «mente».

O Evangelho segundo Lucas apresenta Jesus particularmente como o profeta escatológico (profeta como Moisés, cf. Dt 18,15.18; At 3,22; 7,37) que anuncia e atua a salvação, na força do Espírito. Após a ressurreição e a ascensão, Jesus envia o Espírito Santo para que os seus apóstolos e discípulos(as) sejam um povo de profetas que anunciam a Palavra de Deus até os confins da terra (cf. At 1,8)<sup>8</sup>. Em um certo modo, o caminho evangelizador apresentado nos Atos dos Apóstolos é o caminho da Palavra que, escutada e anunciada, vai avançando por toda a parte.

Sendo assim, podemos perceber a importância que assume o tema da Palavra para Lucas: o modo de escutá-la e anunciá-la. Os discípulos em caminho para Emaús nada compreendem, pois se colocam diante da Palavra com uma atitude contraproducente!

O grande modelo de escuta da Palavra, outrossim, é a mãe de Jesus. A atitude de Maria é ilustrada na ocasião da visita dos pastores, que tinham, por sua vez, recebido o anúncio do anjo: «*Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo. Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi*» (Lc 2, 10-11). Enquanto todos os que escutavam os pastores ficavam maravilhados com as suas palavras (cf. 2,18), a atitude de Maria os ultrapassa em profundidade: «*... conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração*» (Lc 2,19). Ainda uma vez o uso verbal vem iluminar a nossa reflexão. Enquanto os discípulos em caminho para Emaús, ao rememorar os acontecimentos recentes da paixão e morte de Jesus, os «lançavam uns contra os outros» (verbo *anti-bállein*), sem chegar a compreensão alguma, Maria, pelo contrário, ao meditar sobre o passado recente, a saber, a anunciação do anjo, o fim da esterilidade da prima Isabel, as palavras dos pastores, não joga os diferentes elementos uns contra os outros, mas medita-os, colocando-os numa circularidade, onde os elementos iluminam-se mutuamente (verbo *sun-bállein*). Desse modo, quando Jesus responderá à mulher que proclamava bem aventurada a sua mãe, pois as suas entranhas o trouxeram e os seus seios o amamentaram (cf. Lc 11,27), ele proclamará muito mais dignos «*os que ouvem a Palavra de Deus e a observam*» (Lc 11,28). Maria, depois de quanto foi dito, em última análise, é proclamada feliz, bem-aventurada!

Realizando esse percurso lucano sobre a Palavra de Deus, a partir do texto de Lc 24,13-35, é importante percebermos um detalhe fundamental para a nossa vida cristã e scalabriniana a serviço dos migrantes. Tanto no caso dos discípulos em caminho para Emaús quanto no de Maria, a mãe de Jesus, está em jogo a relação entre a Palavra de Deus e os acontecimentos, isto é, em outras palavras, *a relação entre espiritualidade e vida concreta*.

Nós, scalabrinianos, temos felizmente no Bem-aventurado João Batista Scalabrini um excelente exemplo de pessoa que se colocava quotidianamente à Escuta da Palavra, procurando «ver» a realidade com os olhos de Deus. De fato, é bastante famosa entre nós a regra que o nosso fundador estabeleceu para si mesmo ao menos meia hora de meditação diária, e obrigando-se a isso *sub gravi*<sup>9</sup>. E ele expressou a mesma necessidade para os seus missionários: «*Colocação, como fundamento das próprias ações, a grande máxima: nunca se aplicarem demasiadamente ao exercício do Apostólico Ministério a ponto de transcurar a vida interior, e de não se abandonarem tanto às doçuras da vida interior a ponto de descuidar do exercício do Apostólico Ministério. Recordem-se sempre: o missionário que transcurar a meditação e a oração, dificilmente poderá conservar-se na graça de Deus*»<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> R. A. MONASTÉRIO - A. R. CARMONA, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos apóstolos*, Ave Maria, São Paulo 2000<sup>2</sup>, 305-309.

<sup>9</sup> Cf. G.B. SCALABRINI, *Propósitos*, 24 agosto 1893, in *Scalabrini uma voz atual*, Roma 1987, 46-47.

<sup>10</sup> G.B. SCALABRINI, *Regra para a Congregação dos Missionários de São Carlos para os italianos, Piacenza 1895*, in *Scalabrini uma voz atual*, Op. Cit., 442-443.

O percurso feito nos mostra que se, nós scalabrinianos, queremos que o «*Senhor fique conosco*», se queremos que ele rejuvenesça a nossa vocação de serviço aos migrantes, se queremos que o nosso carisma se torne atrativo para os jovens, algumas atitudes são fundamentais:

- Precisamos ser pessoas, homens e mulheres que não têm medo de trabalhar, isto é, que «vestem a camisa» da missão que receberam, no lugar onde estamos atuando.
- Precisamos colocar humildemente todos esses acontecimentos sob a luz da Palavra de Deus, de modo a poder compreendê-los na ótica de Deus. Naturalmente, se quisermos compreendê-los unicamente a partir de nossas capacidades e especializações, terminaremos na incompreensão e no desânimo (seria optar pela atitude «*antibállein*»). Por outro lado, se tivermos a consciência que o sujeito primeiro é o Senhor (cf. Sl 127,1-2), através da força do seu Espírito, então ele mesmo nos guiará à compreensão dos acontecimentos e nos iluminará com a sua Palavra (será optar pela atitude mariana «*sunbállein*»). O ponto culminante – e insubstituível – foi e continuará a ser o momento no qual a «*Palavra se faz carne*» (cf. Jo 1,14), o momento da «*fração do pão*», quando, sempre na força do Espírito, os nossos olhos são abertos para reconhecer a presença do Ressuscitado.
- Precisamos, uma vez «tendo permanecido com o Senhor» e ter tido «os nossos olhos abertos» por Ele – sem ter medo da noite e preguiça pelo caminho a ser feito – «voltarmos para Jerusalém» (cf. Lc 24,33), a saber, voltar para a missão quotidiana, não iguais a antes, mas mais animados, mais sensíveis para «ver a realidade com os olhos de Deus», mais corajosos para a missão.

Como podemos perceber, Lucas nos confirma num percurso onde a dicotomia entre espiritualidade e prática não existe, mas ambas fazem parte de um mesmo processo circular. Não é em vão que o mesmo Lucas «pinta» para os seus leitores «um quadro» onde esses dois elementos estão bem integrados. Jesus, em diálogo com um legista, aponta como promotor de vida o agir de quem ama a Deus com todo o seu ser e ao próximo como a si mesmo (cf. Lc 10,25-28): «*faze isso e viverás*» (Lc 10,28). É para levar à compreensão dessa afirmação que o terceiro evangelista «pinta um díptico», onde a primeira parte desenhada é a cena do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 29-37: o amor ao próximo como a si mesmo) e a segunda cena é aquela na casa de Marta e Maria, onde esta última está aos pés de Jesus, tendo escolhido a melhor parte (cf. Lc 10,38-42: o amor a Deus com todo o ser).

Somos nós, em outras palavras, que insistimos em querer sublinhar ou a espiritualidade ou a prática! A pessoa e a comunidade que dão tempo ao Senhor e lhe pedem «*Fica conosco*», serão também aquela pessoa e aquela comunidade que o servirão na prática, na pessoa do migrante, e com entusiasmo digno de despertar a admiração também dos mais jovens.

«A espiritualidade scalabriniana [...] há de ser encarnada no contexto onde somos enviados e continuamente encontramos novas aspirações para o conhecimento mais profundo do Fundador e inspirador, o bispo J. B. Scalabrini, do carisma recebido, da leitura sapiencial da realidade migratória e do recíproco testemunho». (Texto-base da Traditio Scalabriniana, 2)

## In Milano, parecchi anni... dopo!

Monica Martinelli, mss

Nel 1996 compare anche sul campanello della nostra abitazione in Milano il nome «Centro Missionario G.B. Scalabrini»: così abbiamo chiamato il nuovo Centro Internazionale per Giovani. Prima di allora, la nostra presenza in questa città ha conosciuto diverse tappe.

Nunzia nel 1969 e Lina nel 1970 arrivano a Milano da Solothurn e vanno ad abitare in una zona popolare. Nunzia collabora da subito con il *Cedim*, il Centro Diocesano Immigrati costituito nel 1962 dal Card. Montini, nell'intervento a favore degli immigrati e nella sensibilizzazione dell'opinione pubblica. Entrambe le missionarie si inseriscono nel contesto con un lavoro in fabbrica, accanto agli operai della catena di montaggio, perlopiù immigrati prevalentemente dalle aree del Sud della penisola: con loro condividono il quotidiano fatto di sacrificio e di nostalgia. È un tempo di grandi lotte sociali.

Pochi anni dopo, nel 1973, la nostra comunità si sposta nell'*hinterland*, in un paese – Limbiate – che progressivamente cresce per via dei movimenti migratori interni, tipici di quegli anni di progresso economico. Prendiamo in affitto un piccolo appartamento nelle «Tre Torri», così denominate dalla gente perché un po' uniche, allora, per la loro altezza nel panorama di un quartiere stretto tra il suo passato perlopiù rurale e il suo futuro, né centro né periferia, cresciuto per osmosi con la grande fabbrica chimica poco distante.

Le vertiginose trasformazioni delle condizioni di vita oggettive, che investono questo come altri paesi limitrofi a Milano, incidono sul vissuto delle persone e ne modificano non solo il tenore di vita ma anche l'immagine di se stesse e le forme della convivenza. Un *recital* realizzato a partire dai vissuti delle persone può allora divenire molto più di uno spettacolo! È stata questa l'esperienza che ha accomunato giovani di diverse estrazioni sociali e geografiche all'interno del quartiere, un'occasione preziosa – tra le diverse attività formative allora intraprese – per accorgersi insieme che ogni forma di convivenza pacifica tra gruppi sociali diversi richiede anzitutto la stima e l'accoglienza dell'altro, così come la disponibilità a compiere il primo passo per conoscerlo! A tale scopo, con un gruppo di giovani e le parrocchie del territorio avevamo effettuato anche una rilevazione, tramite questionario, incontrando famiglia per famiglia, per capire condizioni di vita, esigenze, attese, legami. Le visite nelle case ci avevano fatto incontrare anche migranti italiani rientrati dalla Svizzera e confrontati con un nuovo, non sempre facile, inizio. L'ascolto si trasformava così in occasione di rilettura della propria vicenda migratoria per scoprire l'apporto che essa può offrire in vista della solidarietà con i nuovi migranti e con ciascuno.

Con gli anni '80, cambia il volto delle migrazioni: esse sono sempre meno interne e sempre più dirette verso la città. Cominciano infatti a strutturarsi gli arrivi di migranti internazionali, che divengono via via più frequenti: arrivi di donne e giovani dai paesi asiatici, nord-africani e latino-americani. Intanto l'economia, da produttiva, diviene terziaria con una domanda di lavoratori per servizi poco qualificati nelle imprese (in ambiti tipicamente urbani – ristorazione, facchinaggio, pulizie ecc.) e nelle famiglie (a copertura dell'assenza di servizi pubblici in un sistema di protezione sociale che investe le famiglie stesse del compito di cura degli anziani sempre più in aumento, dei malati e dei bambini).

Nel 1985, grazie alla disponibilità di un appartamento in centro-città offertoci per alcuni anni da una famiglia di amici, ci viene facilitato il ritorno a Milano per incrociare più da vicino i passi dei nuovi migranti, sia attraverso gli inserimenti lavorativi quotidiani – per esempio, nelle scuole, che cominciano a rivestirsi di colori; negli ospedali, ove arrivano, accanto agli autoctoni, le prime

accompagnatrici straniere; nelle università, come studenti tra gli studenti, ossia tra giovani contraddistinti dalla mobilità... – sia attraverso la collaborazione pastorale con la chiesa locale e con i Missionari Scalabriniani che, anche se non ancora residenti in città, già raggiungevano regolarmente le comunità migranti per le celebrazioni eucaristiche festive e per altri incontri<sup>11</sup>.

Dal 1990, la nostra abitazione cambia nuovamente forma e assume un significato particolare: ci viene messa a disposizione, a condizioni favorevoli, la foresteria del Monastero della Visitazione, collocato fin dai primi decenni del '700 sull'antica via del Naviglio interno alla città. Grazie all'ospitalità delle suore di clausura la nostra comunità si viene significativamente a trovare tra il silenzio di questo storico luogo di preghiera e una delle vie più transitate e rumorose del centro-città! Contemplazione e mondo sono gli orizzonti su cui si aprono le finestre della casa, collocate ai due lati di ogni locale ricavato dentro un lungo corridoio arricchito da rientranze irregolari, scale caratteristiche e torrette dell'epoca. Contemplazione e mondo sono i pilastri della nostra stessa consacrazione secolare.

Il filo rosso di questi spostamenti – la condivisione della vita con i migranti e la sensibilizzazione della società ospitante, della chiesa locale e delle persone con cui la vita ci mette in contatto – ci ha sempre condotto a curare tempi e spazi per la formazione, soprattutto dei giovani, futuro di ogni porzione di umanità, risorsa preziosa con cui costruire una convivenza nuova per tanti, per tutti. E questo già fin dal 1969.

«Ma c'è un locale più grande nella casa per incontrarci?», esclama uno dei primi giovani entrati nella foresteria, proprio in occasione di uno degli incontri di preghiera e formazione aperti a giovani di diverse nazionalità, con un bagaglio di esperienze molto diverse (in termini di studio, lavoro, appartenenze, impegno, desideri, sogni...). In effetti, la foresteria fa tutto ciò che è nelle sue possibilità logistiche per allargare le porte! Per ospitare i giovani e per gli incontri di formazione, si smontano tavoli e porte, si aggiungono sgabelli e sedie, quando – dato l'orario – diviene difficile utilizzare gli spazi e la chiesa del Monastero, messi sempre a nostra disposizione con grande generosità dalle suore secondo le possibilità della loro regola di vita, e anche oltre. I ritmi della città e dei percorsi di vita dei giovani e dei migranti, così come gli orari di lavoro e servizio che impegnano le nostre giornate missionarie, richiedono di collocare gli incontri soprattutto nella fascia serale, accanto ai consueti fine-settimana e ai tradizionali campi estivi che vedono partire i giovani da qui alla volta dei Centri Internazionali di Stoccarda, Solothurn e oltreoceano.

A servizio di una continuità nella formazione, nell'ottobre 1995 inizia l'avventura degli *incontri mensili internazionali*: ultimo martedì del mese, ore 19.00. Il consueto appuntamento di preghiera tra noi missionarie si allarga ai giovani, migranti e non migranti.

Mentre ci confrontiamo con una città via via multiculturale e ci accorgiamo dell'importanza di imparare ogni giorno la convivenza, ci disponiamo alla scuola della Parola di Dio, in ascolto e in esodo, scoprendoci tutti migranti, cellule diverse e vive dell'unico Corpo di Cristo, ricercatori del senso vero delle cose e della realtà, quel senso che il mondo angosciato spesso non trova.

In qualche occasione ci apre le sue porte anche una vicina chiesa molto antica, per favorire il tempo e lo spazio di preghiera. Quando ci incamminiamo verso questa chiesa ci attraversa ogni volta un senso di stupore per la storia che ci circonda: adiacente alla foresteria del Monastero si percorre una via la cui casa all'angolo era la scuderia utilizzata da san Carlo nelle sue numerose visite alla città; poco più in là, sotto di noi, ci sono i resti della Milano romana, probabilmente luoghi dove si muovevano le prime comunità cristiane.

---

<sup>11</sup> Fino al 1990 i Missionari Scalabriniani incontrano i migranti in una chiesa adiacente al Duomo e attraverso le diverse iniziative promosse insieme alla Segreteria per gli Esteri della Diocesi di Milano. La parrocchia scalabriniana di S. Maria del Carmine viene consegnata ai Missionari dal Card. Martini nel 1990, come parrocchia territoriale e multiculturale per migranti di diversa provenienza, accomunati dalla lingua inglese. In tale chiesa iniziano così a incontrarsi e incrociarsi tra loro migranti appartenenti alle élites sociali della città (inglesi, statunitensi, irlandesi) e nuovi migranti (in particolare filippini e srilankesi).

Man mano che passa la voce tra altri giovani e amici, l'appuntamento dell'ultimo martedì del mese si popola sempre più di volti e storie che, negli anni a venire, si alternano e succedono: come in una carovana che percorre le strade del mondo, i giovani salgono, condividono un pezzo importante di cammino, approfondiscono la fede nella sua cattolicità e nel suo inscindibile legame con la vita... e poi passano la staffetta ad altri, mentre intraprendono scelte che danno via via forma alla loro vita e dentro le quali, in molti casi, continua a esprimersi l'attenzione per l'altro, per il migrante. Non si costituisce un gruppo definito e tanto meno un percorso che va a sostituirsi a quelli offerti dalle chiese locali; anzi, alcuni giovani partecipanti all'incontro internazionale di preghiera appartengono già a gruppi strutturati che sviluppano cammini ordinari di catechesi o formazione cristiana, altri si spostano spesso per motivi diversi da una città all'altra, altri ancora sono più lontani dai contesti ecclesiali e cercano come e dove non lasciar cadere le loro domande di senso.

«Un locale più grande...». Lo sguardo di quel giovane che cercava, entrando nella foresteria, una sala più ampia e, dopo di lui, la richiesta di altri giovani di poter avere una cappella per la preghiera – desiderio peraltro fortemente condiviso anche da tutte noi missionarie – ci rimettono in esodo, alla ricerca di una nuova abitazione. Milano, da questo punto di vista, non è certo una città facile da esplorare e percorrere... ma la fede di tanti sostiene tale ricerca. Il desiderio di un Centro Internazionale per Giovani – dopo i Centri di Stoccarda, Solothurn e San Paolo del Brasile – accompagna la preghiera itinerante delle missionarie che si mettono a perlustrare la città stando davanti a tanti cartelli con la scritta: «Vendesi» o «Affittasi».

Il dipinto di una Madonna con il Bambino, incastonato in un alto muro di cinta, non lontano dalla nostra foresteria, e la particolarità di questo Bambino – nelle sue mani sorregge il mondo – attira sempre di più la nostra attenzione. L'immagine ci richiama le parole di G.B. Scalabrini a proposito del servizio da rendere al mondo – quel mondo per il quale Gesù ha pregato e dato la vita: «...mettersi, dirò così, in ginocchio davanti al mondo per implorare come una grazia il permesso di fargli del bene, ...»<sup>12</sup>. A poco a poco scopriamo che il dipinto attira anche altri passanti, li ferma alzando il loro sguardo verso qualcosa di oltre mentre sono diretti rapidamente alla loro meta. Quando si ripensano i percorsi della storia, comunitaria non meno che personale, non si riesce a trattenere la meraviglia per come si è stati sollevati – direbbe la Bibbia – su ali d'aquila (cfr. Dt 32,11), passo per passo. E per come, lungo ogni percorso, in salita o in pianura, non siano mai mancati la farina e l'olio (cfr. 1Re 17,7-16), cioè tutto quello di cui abbiamo bisogno per continuare a camminare e a scrutare dentro al desiderio profondo dell'uomo il desiderio di Dio per il mondo.

Scopriamo che la casa appartiene alle Suore di Maria Bambina. Bussiamo alla loro porta. Non servono tante parole per spiegare il motivo della nostra ricerca. In un *subito* che ci ricorda l'immediatezza evangelica di chi aderisce con fiducia al progetto di Dio, ci viene data una risposta positiva: la casa viene messa a disposizione della nostra comunità a condizioni di affitto per noi possibili. Il 1° giugno 1996 riceviamo le chiavi e, pochi mesi dopo, il 15 ottobre, inizia l'avventura, anche a Milano, di un *Centro Internazionale*, abitazione delle missionarie e, allo stesso tempo, spazio disponibile per la formazione di giovani e migranti. Gli ambienti più ampi rispetto alle precedenti abitazioni ci consentono di realizzare, da subito, una cappella e questo anche grazie alla storia di questa casa, precedentemente abitata dalle suore, e grazie alla disponibilità della Diocesi nel concedere in tempi brevi il permesso.

La cappella costituisce il centro del Centro: la preghiera infatti raduna e raccoglie prima di tutto noi missionarie e le nostre giornate che a volte, attraverso i diversi inserimenti professionali, toccano – dentro la città – quasi tutti i continenti; allo stesso tempo la preghiera raduna e raccoglie il mondo sul quale, ogni volta, si dilata la preghiera condivisa con i giovani. Una preghiera nel cuore della città che, di anno in anno, di mese in mese, si snoda puntualmente attorno a temi biblici rivisitati sui passi della spiritualità dell'esodo.

---

<sup>12</sup> G.B. SCALABRINI, *Discorso per il giubileo episcopale di Mons. Geremia Bonomelli, 15 novembre 1986*, in *Id., Scritti*, XIII, CSERPE Basilea, 1983, 105.

Il Centro Internazionale, qui come altrove, nasce infatti da una *eccedenza*: anzitutto, eccedenza di un carisma, cioè di un dono di Dio e, quindi, fin dall'inizio segno di una sproporzione. Non un'opera, dunque, e tanto meno un centro di aggregazione o di attività strutturate che ne definiscono la fisionomia. È significativo che ogni Centro Internazionale sia l'abitazione delle missionarie, un ambiente dunque ancorato alla concretezza del quotidiano e all'esperienza di una fede vissuta nella totalità di una consacrazione a Dio. A partire da questa quotidianità il Centro può diventare laboratorio di relazioni, ambiente in cui imparare ad aprirsi all'altro e alla sua diversità, a cercare e a ricevere la comunione, ad esporsi e a spendere la vita – attraverso tante scelte diverse – sulla via di Gesù.

In questi primi quindici anni di vita il Centro si è popolato non solo per gli incontri mensili di preghiera, ma anche in tante altre occasioni con o senza appuntamento: gruppi di parrocchie e associazioni, giovani di diverse estrazioni e con domande molto eterogenee sulla vita e la fede, migranti e non migranti, amici e giovani famiglie... Passare per il Centro Internazionale ha significato per molti incominciare a guardare con occhi nuovi la realtà dell'emigrazione, conoscere da vicino volti e storie, decidere di mettere a disposizione tempo e idee per un servizio all'uomo, come accade, per esempio, di anno in anno per il corso di lingua italiana che già dal 1990 la nostra comunità promuove nella parrocchia scalabriniana di S. Maria del Carmine.

Delineare la storia del Centro Internazionale a Milano ci ha riportato indietro, alla fine degli anni '60. Questa storia ha conosciuto infatti, prima ancora della nascita vera e propria di un Centro, tanti passi di condivisione che ne hanno preparato l'ambiente. Condivisione avvenuta dapprima in fabbrica, luogo per eccellenza dell'integrazione e del conflitto, spazio in cui si potevano vedere riflessi i cambiamenti di una società e i tentativi di progresso, i numerosi passi avanti verso migliori condizioni di vita ma anche le tante battute d'arresto. Condivisione calatasi poi nella città, simbolicamente la 'nuova fabbrica', ossia il luogo in cui ora si condensano – come accadeva allora per la fabbrica – le problematiche e le sfide socio-culturali proprie di un'epoca, così come le fatiche di un'integrazione mal compresa e di un conflitto nervoso, che non riesce nemmeno a coagulare le persone attorno a significati condivisi, tanto il tessuto sociale è strappato. Condivisione in una città divenuta in fretta meta dei nuovi migranti internazionali in cerca di migliori condizioni di vita: tra loro tanti giovani – pendolari interni e europei, migranti dai paesi in via di sviluppo – giovani poveri di futuro, in un tempo in cui il progresso presenta i segni di una sconfitta a causa di una logica riduttiva che procede senza una visione lungimirante e, ancor meno, profetica della storia. I Centri Internazionali sono nati dentro questa storia e, immersi nella vicenda del migrare, intrecciano i loro percorsi con i terremoti culturali e sociali della nostra epoca.

*«In Milano, parecchi anni or sono, fui spettatore di una scena, che mi lasciò nell'animo un'impressione... Vidi... Partii commosso... Quanti soccomberanno fra i tumulti cittadini o nel silenzio del piano inabitato? Quanti pur trovando il pane del corpo verranno a mancare di quello dell'anima?... Come venir loro in aiuto?»,* così scriveva Scalabrini alla fine del XIX secolo, in una memorabile pagina di storia e letteratura italiana che, attraverso lo sguardo attento di un uomo, lascia trasparire la compassione di Dio per l'umanità<sup>13</sup>. Uno sguardo che si pone domande brucianti e coglie, con coraggio, il germe capace di generare nuovi percorsi. Parafrasando quello scritto, *in Milano parecchi anni... dopo* desideriamo, anche attraverso il laboratorio di un Centro Internazionale, imparare a guardare il mondo attraverso la lente d'ingrandimento delle migrazioni che, rompendo le unità omogenee chiuse, ci provocano a ripensare chi siamo, dove stiamo andando, quale futuro sogniamo. E i giovani, come i migranti, avvertono profondamente la distanza che ancora rimane da colmare per costruire un mondo più giusto e sono sensibili alla necessità di

---

<sup>13</sup> Per il testo completo si veda: G.B. SCALABRINI, *L'emigrazione italiana in America, Piacenza 1887*, in *Scalabrini una voce viva*, Roma 1987, 401-403 (ristampa 2005: 397-399).

impegnarsi per elaborare un nuovo modo di pensare: un impegno che ci interpella ad ogni livello, sulla scia del binomio *fede e cultura*, così caro a G.B. Scalabrini.

«*Sia come singoli che come comunità sollecitiamo tutti coloro che incontriamo ad un cammino di comunione, la quale vince ogni tentazione di uniformità e trasforma l'affermazione della propria identità in una celebrazione della diversità come dono.*»  
(Testo-base della *Traditio Scalabriniana*, 5)

## **Acolhimento do mistério da dor e da alegria**

*Ir. Rita de Cássia Luiz, mscs*

Todas as coisas se compõem de certas propriedades e estas fazem com que uma se distinga da outra. Do mesmo modo, cada espiritualidade tem suas propriedades essenciais que a identificam e a distinguem de outras espiritualidades. A espiritualidade scalabriniana também tem suas características essenciais, sem as quais deixa de ser uma espiritualidade específica. Uma característica essencial é a acolhida que, para nós, torna-se quase um 'sacramento', isto é, sinal de Deus na vida da irmã scalabriniana. Assim, posso dizer que minha vocação é o acolhimento de Deus no migrante mais pobre e abandonado.

A acolhida é para a espiritualidade scalabriniana a seiva, o germe da própria vocação. Para mim foi se tornando convicção, verdade em minha vida, neste espaço de ensino-aprendizagem que tem um nome concreto: Angola.

A comunidade das irmãs missionárias scalabrinianas teve sua fundação em Angola no dia sete de novembro do ano 2000. Eu cheguei após cinco anos de sua fundação, isto é, no final de agosto de 2005.

Angola está sendo um desafio constante à minha vocação ao acolhimento. Primeiro, deixar a minha terra (Brasil), minha gente, meu povo para acolher esta nova realidade, com seu cheiro, sua cor, odores, amores, sabores, tais como: bombo, mucua, quizaca, alimentos próprios de Angola. Embora eu seja de descendência afro, é tudo tão diferente do que vivi até então. A cor da pele, o falar, o sentido da palavra, o modo de ver a realidade, tudo é novo. Sinto que foi preciso tornar-se criança, indignar-se, esvaziar-se, quebrar estruturas sedimentadas pelos vícios e preconceitos que fui carregando pela vida, deixar-se render e perceber de que, se não cairmos do 'cavalo', o encontro com o outro não acontece. Foi preciso dar-me conta de que pouco sei, ou melhor, que nada sei e abrir-me inteiramente ao outro. Cheguei à conclusão de que ou se acolhe ou não se acolhe.

Nesta experiência, percebo que é preciso deixar-se encantar, aprender a viver, dar novo sentido à vida, às palavras, à partilha, à cor, ao som, à música, à dança, à arte, assim como também a escuta da Palavra de Deus, acolhendo assim todo o mistério da dor e da alegria que vai perpassando na vida do povo. Com ele, como ele, ir percebendo as questões fundamentais da vida, ultrapassando o sofrimento para olhar com fé, com esperança para este novo que se apresenta diante de nós. Assim o germe da vocação ao acolhimento brota e o milagre acontece, produzindo vida em abundância e criando solidariedade.

Após seis anos de presença em Angola, vivendo com o povo o seu 10º aniversário da Paz (o Acordo de Paz aconteceu no dia 04 de abril de 2002), já vemos um novo país, mas o paradoxo da pobreza e da abundância ainda é muito marcante. Aqui se vive um grande contraste: por um lado, além do país ser privilegiado em água, terra cultivável, pesca e muitos recursos naturais, é o segundo maior produtor de petróleo na África Subsaariana e o quarto produtor de diamantes do mundo; por outro lado, é um dos países mais pobres do mundo em termos de desenvolvimento humano.

Angola é um país em movimento. As entradas e saídas são constantes. Entradas irregulares, saídas forçadas. Deslocamentos forçados e sofridos à custa de grandes projetos do governo. O vai e vem é constante. Um mosaico, uma verdadeira torre de babel que anseia pelo grande pentecostes.

Aqui em Angola é o espaço onde vivo minha vocação scalabriniana, onde sou desafiada a estar constantemente alerta, atenta aos rostos que a migração apresenta. O índice de pobreza no meio rural é de 58,3% da população, a qual abandona suas terras e concentra-se nas periferias das cidades. Ocupa-se de trabalhos pouco ou nada qualificados. Cerca de 70% da população vive do comércio informal. Os deslocamentos por desastres naturais, como chuvas e enchentes e

deslocamentos provocados pelos programas de urbanização e ou projetos governamentais, desaloja a população, colocando-a em tendas e muitas famílias permanecem assim por vários anos.

Nesta realidade, percebe-se que se acentua o desemprego, a violência, a desintegração familiar e cresce a problemática do tribalismo, das diferenças culturais e das etnias.

Atualmente sou coordenadora da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes da Arquidiocese de Luanda que conta com 26 paróquias, treze das quais possuem o serviço de animação da Pastoral para os migrantes e itinerantes. A mesma conta com uma equipe de 145 líderes, que são migrantes e desenvolvem a missão de acolher e acompanhar os outros migrantes nas comunidades locais.

Para se chegar a esta configuração, houve um trabalho árduo da coordenação que está sob minha responsabilidade, isto é, fazer das paróquias verdadeiros centros de acolhimento aos migrantes. Temos um longo caminho a percorrer, mas a estrada é certa, passa pela acolhida e integração dos migrantes nas comunidades locais.

Este espaço está sendo para mim de grande aprendizado pastoral, espiritual, missionário, de modo especial do aprendizado do acolhimento, de um deixar quebrar as próprias estruturas mentais e aprender com os próprios migrantes-animadores.

Assim, aprendi que a acolhida é algo concreto, filha do imperativo: “*vai, e também tu, faze o mesmo*” (Lc 10,37). Exige abaixar-se, curar as feridas, escutar, visitar, acarinhar, perceber a dor escondida nos traços do rosto das crianças, das mulheres, dos homens, muitas vezes desprezados, feridos em sua dignidade durante os trinta anos de guerra e conflito. Amar e apaixonar-se pela causa do outro, ir ao encontro, desatar o nó do tribalismo, do nacionalismo exagerado e abandonar preconceitos foram aprendidos com eles. Aprender de quem, por tradição, por cultura, tem como norma suprema o acolhimento que passa por um ritual extremamente concreto de abaixar-se, de dar as mãos, de oferecer um copo de água, de deixar que o outro entre e faça sua morada, é passar por uma verdadeira escola. A não vivência desse valor é um insulto à própria hospitalidade africana.

Junto aos animadores da Pastoral para os migrantes, encontrei este espaço de ensino-aprendizagem, nada teórico, mas de prática, de vivência; conhecimento que se adquire pelo ouvido, pelo sentir, pelo visitar, pelo amar, pelos momentos intensos de sentir-se acolhida e de poder acolher.

Neste ensino-aprendizagem do acolhimento, sobressai o momento histórico que vivi, que muito me marcou e me ajudou a sentir, mais de perto, a vivência deste elemento da espiritualidade scalabriniana.

Em 2009, precisamente nos meses de outubro e novembro, foram expulsos da RDC mais de 60 mil angolanos<sup>14</sup>. O retorno forçado ao país de origem após trinta, quarenta anos de refúgio, quebrou muitas estruturas familiares, psicológicas, sociais, culturais e religiosas. Estavam todos aí, em condições miseráveis, espalhados em “centros de acolhida improvisados”, em extrema emergência, milhares dos quais ao relento. Chegavam, diariamente, mulheres, homens, crianças, jovens e velhos. “*Estavam como ovelhas sem pastor*» (Mc 6,34), como se fossem animais.

Fizemos um percurso de 1500 km de carro, em estradas de péssimas condições para, *in loco*, constatar muito sofrimento, muita dor, seres humanos expostos a tudo, feridos em sua dignidade. Estive em vários centros de acolhimento e a situação era deprimente. Crianças e idosos a acariciar a

---

<sup>14</sup> O repatriamento passou, por vários períodos: 2002-2007 – repatriamento voluntário pós-conflito: cerca de 475 mil angolanos retornaram, dos quais 410 mil viviam em países fronteiriços; 2008-2009 – repatriamento forçado: cerca de 60 mil angolanos foram expulsos da República Democrática do Congo (RDC) e da República do Congo; 2011 – repatriamento voluntário: os angolanos perdem o estatuto de refugiado: previsão de retorno de cerca de 60 mil angolanos dos 147.076 que ainda vivem nos países fronteiriços.

barriga em sinal de fome, a espera de um prato, de um olhar, de uma explicação para todo aquele sofrimento. O olhar para o céu era constante e em resposta vinha a chuva para dificultar mais e mais o viver no centro de acolhida. A alimentação era escassa, a penúria persistia a cada dia.

Em cada centro a imagem se repetia. O sofrimento e a dor eram intensos e ouvia-se constantemente relatos comoventes:

- O pai de um, a mãe de outro, alguém ficou para trás, não pode partir. Outros a chorar pelos filhos que não conseguiram chegar a tempo.
- O bebê que nasce no centro de acolhida e é colocado numa manjedoura improvisada, repetindo-se a história do nascimento de Jesus.
- Outros diziam: «Não recolhi nada, fui pega de surpresa no caminho da escola; no caminho do trabalho; no caminho da roça; no caminho da igreja».
- A avó que caminhou 40, 50, 60 km, vislumbrou a terra de sua infância, de sua juventude e quando chegou, morreu.
- «Deixei tudo: pai, mãe, sobrinho, família, estudo, trabalho, casa, para retornar para uma terra que é minha e que não é mais minha. Sem conhecer a língua, sem ser reconhecido, aqui já não sou, lá também não sou. O que sou? Quem sou? Retornar para minha terra, terra dos meus antepassados foi duro, extremamente duro».

Nossa presença trouxe esperança no meio desse povo. O esforço para a comunicação era grande; naquele momento, muito mais que o lingala, kikongo, francês, português, a linguagem era a dos sinais, do amor, de sentir «que alguém nos quer, alguém se importa conosco, somos pessoas».

Vimos, sentimos, ouvimos o clamor deste povo. Retornamos para Luanda. «*O que fazer? Como remediar?*»<sup>15</sup>. A partir de nossa comunidade religiosa Yezu Wavutuka – Jesus Retornado – nasce o projeto da campanha de solidariedade. O povo angolano respondeu. Fomos à rádio, à televisão, aos ministérios, às igrejas, às empresas, sensibilizamos a sociedade. O convite à solidariedade, ao acolhimento ganhou corpo, ganhou visibilidade em todo o país e, também, internacionalmente. As ajudas foram chegando: alimentos, cobertores, roupas, remédios, produtos higiênicos, suprimindo as primeiras necessidades.

Hoje, a partir da *Caritas* e da CEPAMI (Comissão Episcopal de Pastoral para os Migrantes e Itinerantes) há continuação do projeto que nasceu pequeno e mudou o destino de muitas pessoas. A segunda fase, designada como fase da reintegração, continua com aulas de português, seminários e incentivos à agricultura.

Apesar dos esforços e ajuda de muitos, a dor não acabou, a reunificação familiar ainda não é realidade, a documentação tarda a chegar, não se concretiza. Mas, apesar disso, há sorriso, há esperança, há desejo de reconstruir a vida, de sonhar com uma vida nova.

Posso testemunhar que a acolhida, para uma scalabriniana, se torna concretude, espaço de aprendizagem no convívio com os migrantes, quando vive o *ser migrante com os migrantes*. Eu tenho esta graça de experienciar a cada dia: «*Era migrante e me acolhestes*» (Mt 25,35).

Na Palavra de Deus, de modo especial no encanto dos relatos bíblicos do Evangelho de Marcos, que apresenta um Jesus a caminho em constantes viagens, desde o seu nascimento até a sua morte, encontrei a base para a minha missão. Neste retrato de Cristo Peregrino busco inspiração para caminhar, para percorrer paróquias, comunidades, ruas e becos da cidade de Luanda, na alegria de poder encontrar em cada migrante este Cristo Peregrino. Busco forças e luzes, para vivenciar, no cotidiano, o chamado de ser scalabriniana, com Aquele que chama quem ele quer (cf. Mc 3,13-15). Chamado esse que se concretiza na ação evangelizadora junto aos migrantes sob o olhar do Filho de Deus que se põe a caminho e que se identifica com os caminhantes. Com a proteção de Maria, Mulher do Caminho, tenho a graça de ser discípula missionária do Cristo Peregrino.

---

<sup>15</sup> São as perguntas que João Batista Scalabrini se fazia na estação de Milão ao ver numerosos migrantes que partiam.

«Difundindo apreço pela pessoa do migrante participamos do projeto divino de tal modo que, a terra se torna lugar de fraternidade, de partilha e de gratuidade, antecipação daquele banquete do Reino, onde ninguém é excluído e todos são chamados pelo Pai pelo próprio nome». (Texto-base da *Traditio Scalabriniana*, 4)

